



REFLEXÕES DE JHUMPA LAHIRI SOBRE TRADUÇÃO E SOBRE SUA EXPERIÊNCIA DE TRADUZIR *LACCI*, DE DOMENICO STARNONE

Andréa Moraes da Costa*¹

* Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

e-mail: andrea@unir.br

Resumo: O romance *Lacci* (2014), do italiano Domenico Starnone foi agraciado, em 2017, com o *Bridge Book Award*, premiação que visa reforçar o entendimento mútuo entre a Itália e os Estados Unidos da América. O prêmio, que tem como principais apoiadores o Instituto Cultural Italiano de Nova York e a Federazione Unitaria Italiana Scrittori, é oferecido anualmente a um romance italiano contemporâneo ou a uma coleção de histórias, que mediante premiação ganha sua tradução para o inglês. Diante disso, Starnone convidou diretamente Jhumpa Lahiri para traduzir a referida obra, tendo seu convite aceito pela escritora. Essa tradução realizada por Lahiri recebeu o título de *Ties* (2017) em língua inglesa e obteve de imediato a aprovação da crítica, passando a figurar em diversas listas de indicação de melhores obras. A autora, que já havia conquistado seu lugar no panteão literário pela qualidade de sua vasta escrita, abrangendo contos e romances, passou, então, a ser reconhecida, no círculo literário, também enquanto tradutora. Neste artigo, portanto, pretendo discorrer sobre a relação de Lahiri com tradução e sobre sua atuação como tradutora de *Ties*, a partir de um diálogo com o que a própria autora expressa sobre estes temas, principalmente em *Translating Myself and Others* (2022).

Palavras-Chave: Jhumpa Lahiri; *Lacci*; Domenico Starnone; *Ties*; Tradução.

Reflections By Jhumpa Lahiri on Translation and on Her Experience in Translating Domenico Starnone's *Lacci*

Abstract: The novel *Lacci* (2014) by the Italian Domenico Starnone was awarded, in 2017, with the Bridge Book Award, an award that aims to strengthen mutual understanding between Italy and the United States of America. The prize, whose main supporters are the Italian Cultural Institute of New York and the Federazione Unitaria Italiana Scrittori, is given each year to a contemporary Italian novel or to a collection of stories, which upon awarding is translated into English. In view of this,

¹ Doutora em Teoria Literária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Professora do Departamento de Línguas Estrangeiras e do Programa de Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos da Tradução da Amazônia - GETRA/CNPq. Professora visitante na University of Ottawa - "School of Translation and Interpretation". Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0285593041683749>. * As traduções informadas neste texto são conferidas à autora deste artigo.



Starnone directly invited Jhumpa Lahiri to translate the referred work, having his invitation accepted by the writer. This translation by Lahiri received the title *Ties* (2017) in English and immediately obtained critical approval, appearing on several lists of nominations for best works. The author, who had already earned her place in the literary pantheon for the quality of her vast writing, including short stories and novels, then began to be recognized, in the literary circle, also as a translator. In this article, therefore, I intend to discuss Lahiri's relationship with translation and her work as a translator of *Ties*, based on a dialogue with what the author herself expresses on these themes mainly in *Translating Myself and Others* (2022).

Keywords: Jhumpa Lahiri; *Lacci*; Domenico Starnone; *Ties*; Translation.

Introdução

Escritora de projeção internacional, Jhumpa Lahiri também atua como professora de Escrita Criativa e Tradução Literária na University of Princeton, nos Estados Unidos, onde responde pela direção do Programa em Escrita Criativa. *Interpreter of Maladies* (1999), *The Namesake* (2003) e *The Lowland* (2013) são alguns dos títulos que compõem a lista de suas escritas em língua inglesa, enquanto *In Altre Parole* (2015) e *Dove mi Trovo* (2018b) fazem parte da lista de suas publicações em língua italiana.

Além das temáticas em comum presentes na maioria de suas obras – pertencimento, identidade, migração, dentre outras –, há certa recorrência também quanto às características de seus personagens. De acordo com Lahiri (2002, p. 119), quase todos os personagens de suas obras são tradutores, visto que devem dar sentido ao estrangeiro para sobreviverem, evidenciando, assim, a presença da tradução e de tradutores em seu trabalho. Mas a ligação da autora com a tradução não está restrita ao universo de seus personagens.

Em seu currículo podemos observar sua aproximação com a tarefa tradutória, sobretudo, por meio dos romances do italiano Domenico Starnone. Lahiri, além de grande admiradora do trabalho de Scarnone, é responsável pela tradução de três de suas obras para a língua inglesa, quais sejam: *Lacci* (2014), *Scherzetto* (2016) *Confidenza* (2019), intituladas em inglês pela tradutora, respectivamente, como *Ties* (2017), *Trick* (2018) e *Trust* (2021).

Partindo dessas colocações, neste artigo, pretendo discorrer sobre a relação de Lahiri com a tarefa tradutória e sobre sua atuação como tradutora de *Lacci*. Para isso, considero, principalmente, o que a própria autora expressa sobre esses temas em *Translating Myself and Others* (2022) – um conjunto de ensaios sobre tradução, autotradução e sua escrita em inglês e italiano, ainda sem tradução no Brasil.

Empenho-me nesse sentido guiada pela premissa de que “há uma necessidade de uma maior compreensão de como as traduções são produzidas, como elas circulam e como



são lidas²” e que para isto é requerido “um entendimento não apenas do papel que as traduções têm desempenhado no desenvolvimento de literaturas individuais e em sua disseminação, mas também uma compreensão dos processos reais da própria tradução [...]”³ (BASSNETT, 2018, p. 6). Portanto, a discussão a seguir procura atender, especificamente, ao que se refere à necessidade de compreensão quanto ao fazer tradutório.

Lahiri: Sobre Tradução e Experiência de Traduzir

A projeção de Lahiri no universo literário deu-se a partir da publicação de *Interpreter of Maladies* (1999), sua premiada coletânea de contos. Trata-se de um conjunto de contos que, assim como a maioria de seus trabalhos literários, ecoam histórias que advêm de sua própria origem identitária marcada por encontros culturais, uma vez que a autora é inglesa, naturalizada norte-americana cujos pais são de origem bengali. Como um reflexo disso, migração, identidade, conflitos culturais e tradução cultural são temáticas recorrentes não somente em seus trabalhos literários, mas também em seus ensaios.

Em *Translating Myself and Others*, Lahiri (2022, p. 2) relata que, após a escrita de *Interpreter of Maladies*, escreveu um ensaio intitulado *To Heaven Without Dying*⁴ abordando o fato de ter nascido em um "mundo linguístico dividido em dois"⁵. Devido a isso, ela considera sua escrita, em língua inglesa, “como uma forma de tradução cultural⁶”, e afirma perceber que algumas das histórias contidas na referida coletânea se configuram como uma tradução da Índia (LAHIRI, 2022, p. 2). Convém mencionar que um tradutor é, antes de tudo, um leitor de um texto (MAITLAND, 2017, p. 9), então, não é exagero estender tal reflexão da autora à ideia de que seu texto de referência é o mundo bengali.

Conforme a autora comenta, os personagens que percorrem as páginas de *Interpreter of Maladies* são falantes de bengali, mas apenas em sua imaginação, pois a escrita dos contos é em inglês, por isso, ela percebe “a necessidade de traduzir seus diálogos, transformando-os, falsa, mas, necessariamente, em falantes de inglês⁷”, concluindo, “dramaticamente” que

² Conf. “[...] there is a need for greater understanding of how translations are produced, how they circulate and how they are read” (BASSNETT, 2018, p. 6).

³ Conf. “This requires an understanding not only of the role which translations have played in the development of individual literatures and in their dissemination, but also an understanding of the actual processes of translation itself [...]” (BASSNETT, 2018, p. 6).

⁴ Conf. “Ao paraíso sem morrer”.

⁵ Conf. “I speak of being born into a ‘linguistic world split in two’” (LAHIRI, 2022, p. 2).

⁶ Conf. “I refer to my writing, in English, as a form of cultural translation” (LAHIRI, 2022, p. 2).

⁷ Conf. “[...] I note the need to translate their dialogue, thus turning them, falsely but necessarily, into English speakers. I conclude, dramatically, I translate, therefore I am” (LAHIRI, 2022, p. 2).



traduz, logo existe (LAHIRI, 2022, p. 2). Reside nessas palavras um forte sentido de consciência e autocompreensão do quanto a tradução faz parte de sua vida, não somente no que diz respeito à materialização literária, mas também a aspectos que estão intimamente ligados à sua identidade, como sua multiculturalidade.

É essa característica multicultural que contorna a identidade da autora que a leva a declarar que se tornar um escritor em inglês significava também se tornar um tradutor, registrando ainda que, em razão disto, foi tradutora antes mesmo de se tornar uma escritora e não o contrário (LAHIRI, 2022, p. 2). Apesar do reconhecimento de Lahiri como tradutora ter vindo após seu reconhecimento enquanto escritora, a própria autora compreende que tem lidado com esta tarefa ao longo de toda sua vida. Segundo suas palavras, ela já traduzia antes disso, antes mesmo de saber ler, uma vez que cresceu “falando e vivendo, constantemente, em inglês e bengali, e isso significava traduzir entre eles, constantemente”⁸, para ela e para os outros (LAHIRI, 2022, p. 3).

Por certo, esse mudar linguístico não se apresentou de maneira impune na vida de Lahiri. Ele desencadeou conflitos, em sua rotina, inerentes à tradução cultural – e, provavelmente, ainda continua a desencadear –, como pode-se aguardar quando temos em questão o convívio de duas culturas em um mesmo espaço. Surgem problemas nesse sentido, porque a tradução cultural não está relacionada ao linguístico e ao gramatical. Diferente disso, como esclarece Anthony Pym (2009, p. 143), ela implica o processo mais geral de comunicação entre diferentes grupos culturais.

O relato a seguir exemplifica a complexidade que contorna a tradução cultural a qual já estava presente nos primeiros contatos sociais da autora:

Um dilema de tradução está entre as minhas primeiras lembranças. Eu tinha cinco anos, estava sentada em uma mesa grande com muitas outras crianças em uma sala de aula do jardim de infância, fazendo cartões para o Dia das Mães. Juntos, dobramos folhas duras de papel branco e criamos e colamos rosas de papel crepom com hastes verdes na capa. A professora assistente circulava em torno da mesa, pulverizando um pouco de perfume em cada uma de nossas rosas. Dentro do cartão, todos tivemos que escrever a mesma mensagem: "Querida mãe, feliz dia das mães". Essa parte do projeto me bloqueou, já que minha mãe não era 'mãe', mas 'ma'. Fiquei com vergonha de inserir o termo bengali que eu estava acostumada, pelo qual eu a conhecia e por quem ela era reconhecida e respondia. Eu também estava relutante em recorrer ao termo inglês, que parecia estranho para mim, e certamente teria causado estranhamento a ela, e teria até mesmo a ofendido. A memória ainda

⁸ Conf. "I was raised speaking and living, simultaneously, in English and Bengali, and this meant translating between them, constantly, for myself and for others" (LAHIRI, 2022, p. 3).



está fresca, embora eu não me lembre mais do que escolhi escrever dentro do cartão. Revisitando esse dilema agora, em 2021, ocorre-me que tem tanto a ver com o ato de escrever quanto com a tradução. Em outras palavras, assim que aprendi a escrever em inglês, que era um dos dois idiomas que eu conhecia e falava quando criança, simultaneamente intuí o papel central e complexo que a tradução deveria desempenhar. Isso também me lembra o papel, tão central e complexo, que minha mãe deveria representar em minha vida como escritora, tanto como sujeito e inspiração⁹ (LAHIRI, 2022, p. 1-2).

O processo de encontro cultural é constantemente marcado pelo outro (BHABHA, 1998, p. 312), o que suscita enfrentamentos. Viver esse processo é enfrentar um estado ininterrupto de tradução, é estar diante de inevitáveis escolhas, e toda escolha implica em abandono, em perda, sendo que em muitas situações a perda é imposta. No caso ilustrado por Lahiri, percebemos o confronto cultural em que a cultura norte-americana se impõe frente à cultura bengali, a ponto de causar o embaraço da criança Lahiri diante da possibilidade de optar pela sua língua. Mas também fica claro seu desconforto em adotar a língua inglesa, uma língua “estranha”, projetada a partir de um contexto desconhecido, sem ligações históricas, até então, com sua vida familiar.

Essa experiência da autora revela ainda que viver entre culturas, conseqüentemente, é tomar consciência de que a realidade está alicerçada na linguagem e, como lembra Vilém Flusser (2007, p. 61), cada língua “tem uma personalidade própria”, proporcionando ao intelecto um clima específico de realidade”. É inevitável, portanto, concluir que a tradução, como ação necessária para estar no mundo em que a coexistência cultural se apresenta, aproxima o indivíduo da percepção da realidade, por vezes conflitante, como expresso no episódio vivenciado por Lahiri durante sua infância.

No contexto literário, Lahiri (2022, p. 2) descreve que, tendo em vista que ela fala e entende a língua de seus pais, embora não a leia com sofisticação, traduziu alguns contos de Ashapura Devi, uma importante romancista e poeta bengali, para compor sua

⁹ Conf. “A translation dilemma is among my earliest memories. I was five, seated at a large table with many other children in a kindergarten classroom, making cards for Mother’s Day. Together we folded stiff sheets of white paper, and constructed and pasted pink crepe-paper roses with green stems to the cover. The assistant teacher circled the table, spraying some perfume into each of our roses. Inside the card, we all had to handwrite the same message: “Dear Mom, happy Mother’s Day.” This part of the project stymied me, given that my mother was not “Mom” but “Ma.” I was embarrassed to insert the Bengali term I used and knew her by the one she recognized and responded to. I was also reluctant to resort to the English term, which sounded foreign to me, and would have certainly alienated, even offended her. The memory is still fresh, though I can no longer remember what I chose to write inside the card. Revisiting that dilemma now, in 2021, it occurs to me that it has just as much to do with the act of writing as it does with translation. In other words, as soon as I learned how to write in English, which was one of the two languages I knew and spoke as a child, I simultaneously intuited the central and complex role that translation was to play. It also reminds me of the role, just as central and complex, that my mother was to play in my life as a writer, both as subject and inspiration” (LAHIRI, 2022, p.1-2).



dissertação de mestrado. Mas sua relação direta com a tradução literária deu-se após passar três anos na Itália a fim de aprimorar seu italiano. Foi a paixão por essa língua que a levou a se mudar para Roma, vivendo lá de 2012 a 2014, onde sua "paisagem linguística se transformou dramaticamente, e o italiano emergiu como uma nova ilha em um arquipélago¹⁰" (LAHIRI, 2022, p. 3).

De volta aos Estados Unidos, em 2015, a autora passou a aproximar-se da tradução a partir de sua vida acadêmica, conforme esclarece:

Saí de Roma e comecei a lecionar em Princeton, onde me senti imediata e instintivamente atraída pelo mundo da tradução. Foi em Princeton e entre outras línguas que me senti mais em casa. 'In Praise of Echo', escrita enquanto eu estava de volta a Roma em um ano sabático, surgiu dos primeiros workshops de tradução literária que ministrei em Princeton. E quando estava iniciando o ensino da tradução literária, tornei-me uma tradutora de verdade, assumindo a tarefa de traduzir para o inglês um romance chamado *Lacci*, de Domenico Starnone, que conheci em Roma. *Lacci* (que se tornou *Ties*) levou a *Scherzetto* (*Trick*) e *Confidenza* (*Trust*) [...]. Traduzi todos os três em Princeton¹¹ (LAHIRI, 2022, p. 4).

Esse envolvimento com a tradução instigou-lhe a elaboração de um projeto tendo ao centro as línguas inglesa e italiana, de acordo com o que a autora complementa a seguir:

Outro projeto que realizei na universidade foi a compilação e edição de *The Penguin Book of Italian Short Stories*, uma antologia que me inspirei a organizar devido em parte ao fato de que vários contistas italianos que eu havia descoberto e queria compartilhar com meus alunos de Princeton, em inglês, não haviam sido traduzidos, para minha satisfação, ou estavam disponíveis apenas em traduções datadas, ou não haviam sido traduzidos de forma alguma. Enquanto trabalhava naquele projeto, percebi que vários dos autores do livro não eram apenas autores, mas também tradutores. Fiquei impressionada com a quantidade de escritores italianos do século anterior que dedicaram tempo e energia consideráveis à prática e à promoção da arte da tradução, não apenas por orientação e influência pessoal, mas também por promover a missão estética e política essencial de abrir as portas linguísticas e as fronteiras culturais, e de apresentar aos leitores obras que eles não teriam acesso de outra forma¹² (LAHIRI, 2022, p. 4).

¹⁰ Conf. "I was living in Rome, where my linguistic landscape dramatically transformed, and Italian emerged like a new island in an archipelago" (LAHIRI, 2022, p. 3).

¹¹ Conf. "I left Rome and began teaching at Princeton, where I felt immediately and instinctively drawn to the world of translation. It was in and among other languages at Princeton that I felt most at home. "In Praise of Echo", written in while I was back in Rome on sabbatical, grew out of the first literary translation workshops I taught at Princeton. And just as I was embarking on the teaching of literary translation, I became a bona fide translator myself, taking on the task of turning a novel called *Lacci* by Domenico Starnone, whom I'd met in Rome, into English. *Lacci* (which became (*Ties*) led to *Scherzetto* (*Trick*) and *Confidenza* (*Trust*) [...]. I translated all three of them at Princeton" (LAHIRI, 2022, p. 4).

¹² Conf. "Another project I undertook at the university was the compiling and editing of *The Penguin Book of Italian Short Stories*, an anthology I was inspired to assemble due partly to the fact that numerous Italian short-story writers I'd discovered and wanted to share with my Princeton students, in English, had either not been translated to my satisfaction, or were only available in dated translations, or had not been translated at all. As I worked on that project, I realized that



Nesse relato da autora, podemos perceber mais do que a descrição de seu projeto inspirado pelos escritores italianos e sua admiração por eles. Nele também está expressa sua visão ampla sobre tradução, revelada a partir de sua menção ao trabalho dos escritores que atuavam como tradutores. É possível depreender desse relato que Lahiri concebe a tradução enquanto arte contornada por aspectos políticos, linguísticos e culturais, sendo que, para ela, os tradutores não se limitam a viabilizar a circulação do texto escrito em contextos distintos aos de sua produção, pois a eles cabe ainda a abertura de “fronteiras culturais”.

Isso sugere que Lahiri compreende o papel do tradutor e a própria tradução sob uma perspectiva intercultural, visto que interculturalismo envolve “abertura” (WOOD, LANDRY; BLOOMFIELD, 2006, p. 7), no sentido sociológico. Afinal, para possibilitar o trânsito da arte escrita em diferentes contextos, a tradução, por meio do profissional que a exerce, lida com diferenças culturais as quais estão intimamente ligadas a contextos sociais os quais se encontram refletidos e inscritos no material textual.

Para além disso, a autora vislumbra a tradução enquanto “uma transformação dinâmica e dramática”, que envolve “palavra por palavra, frase por frase, página por página, até que um texto concebido, escrito e lido em uma língua seja reconcebido, reescrito e lido em outra¹³” de modo que “o tradutor trabalha para encontrar soluções alternativas, não para anular o original, mas para contrastar com outra versão¹⁴” (LAHIRI, 2022, p. 91).

Essa reflexão, que aponta para a existência de um texto “original”, ideia vinculada a abordagens tradicionais da tradução, mescla-se a uma visão contemporânea acerca do ato de traduzir, pois a declaração de Lahiri inclui dois entendimentos atrelados à tradução referentes à essa visão, ou seja, transformação e recriação. Os estudos contemporâneos da tradução consideram a tradução enquanto ato transformador, gerador de uma reescrita, logo, um ato criativo, conforme proposto por André Lefevere (2007).

Com tais noções acerca do traduzir, Lahiri, empreendeu-se na tradução dos romances italianos *Lacci* (2014), *Scherzetto* (2016) e *Confidenza* (2019), de Domenico Starnone, para a

several of the authors in the book were not merely authors but also translators. I was struck by how many Italian writers of the previous century devoted considerable time and energy to practicing and promoting the art of translation, not only for personal mentorship and influence, but for furthering the essential aesthetic and political mission of opening linguistic and cultural borders, and of introducing readers to works they would not be able to access otherwise” (LAHIRI, 2022, p. 4).

¹³ Conf. “Translation, too, is a dynamic and dramatic transformation. Word for word, sentence for sentence, page for page, until a text conceived and written and read in one language comes to be reconceived, rewritten, and read in another” (LAHIRI, 2022, p. 91).

¹⁴ Conf. “The translator labors to find alternative solutions, not to cancel out the original, but to counter it with another version” (LAHIRI, 2022, p. 91).



língua inglesa os quais foram publicados, respectivamente, com os títulos *Ties* (2017), *Trick* (2018) e *Trust* (2021) – já citados na introdução –, conferindo um efeito estilístico a esse conjunto por meio de aliteração. Tais escolhas, segundo o crítico literário americano Steven G. Kellman (2021), estariam ligadas à decisão exclusiva da tradutora. Para o crítico,

A aliteração de ‘Ties’, ‘Trick’ e ‘Trust’ é inteiramente invenção de Lahiri, já que os títulos em italiano, respectivamente, são ‘Lacci (laces [laços]), ‘Sherzetto’ (joke [brincadeira]) e ‘Confidenza’ (confidence [confiança]). Não há evidências de que Starnone, um prolífico romancista, jornalista e roteirista, pretendesse que esses livros em particular fossem lidos como um grupo, mas a seleção de Lahiri os marca como uma trilogia de fato sobre decepção e autodecepção¹⁵ (KELLMAN, 2021).

Essas escolhas sugerem que Lahiri encaminha seu trabalho, no mínimo, de modo cuidadoso, atenta para além do que está expresso na superfície do texto, apesar de atestar que não há nada para inventar, mas tudo para acertar, quando se refere a traduzir Starnone (LAHIRI, 2022, p. 28). Esse envolvimento apurado com a tradução literária foi estendido à autotradução, ampliando a abrangência do campo literário explorado por Lahiri.

Em 2017, na sequência de suas atividades em Princeton, empenhou-se em uma experiência de autotradução. Primeiramente, ela traduziu um conto que havia escrito na Itália, “Il Confine”, vindo a intitulá-lo “The Boundary” (2018a). Foi baseada nesse conto que a autora escreveu *Dove mi Trovo* (2018b), seu primeiro romance escrito em italiano, tendo, então, traduzido-o para a língua inglesa como *Whereabouts* (2021). Assim, esse romance, que trata sobre mudanças geográficas e emocionais, narrado por uma mulher que se encontra em constante reflexão acerca de sua existência no mundo, é seu primeiro trabalho publicado de autotradução.

Em *Translating Myself and Others* (2022), Lahiri reservou o capítulo “Where I Find Myself: On Self-Translation” (2022, 70-85) para discorrer sobre seu processo de autotradução. O capítulo inclui uma série de doze pontos a respeito de seu trabalho de autotradução de *Whereabouts* (2021). Dentre eles, é interessante destacar aquele em que é possível perceber uma conexão entre o que Lahiri pondera sobre autotradução e os pressupostos de Walter Benjamin (2008, p. 68) acerca da tradução. Para Lahiri, autotradução oportuniza um segundo ato à obra, mas, em sua opinião, esse segundo ato tem menos

¹⁵ Conf. “The alliteration of “Ties,” “Trick” and “Trust” is entirely Lahiri’s invention, since the titles in Italian, respectively are “Lacci” (laces), “Sherzetto” (joke) and “Confidenza” (confidence). There is no evidence that Starnone, a prolific novelist, journalist and screenwriter, meant to have these particular books read as a group, but Lahiri’s selection marks them as a de facto [sic] trilogy about deception and self-deception” (KELLMAN, 2021).



relação com a versão traduzida do que com o original, que em tradução é “reajustado e realinhado graças ao processo de desmontagem e remontagem¹⁶” (LAHIRI, 2022, 80). Essa percepção de Lahiri acerca da autotradução dialoga, de algum modo, com o que está posto por Walter Benjamin (2008, p. 68) no que concerne à ideia de prolongamento/segundo ato viabilizado pela tarefa tradutória. Enquanto para Benjamin a tradução possibilita o prolongamento, a sobrevivência da obra, em Lahiri, a autotradução significa segundo ato, assim como um prolongamento da relação autor obra (LAHIRI, 2022, p. 80).

Essa experiência de sua autotradução já havia sido foco de atenção da autora em *In Altre Parole* (2015), reunião de ensaios escritos em Roma. A obra foi traduzida para o inglês por Ann Goldstein sob o título de *In Other Words* (2017), uma vez que Lahiri rejeitou a possibilidade desta autotradução. Os ensaios abordam tradução, autotradução, sua aquisição do novo idioma, o italiano, a relação com ele, assim como com a cultura italiana, destacando seu apreço por esse idioma. Esses ensaios são recobertos pelo seu estilo lahiriano, isto é, poesia e metáfora são recursos constantes empregados nesses textos, a exemplo da menção à “travessia do lago”, referindo-se ao aprendizado do italiano (LAHIRI, 2017, p. 3), em que o lago, caracterizado como “muito profundo” pela autora, simboliza a linguagem. Portanto, imergir no lago é como imergir em uma nova linguagem, ambas ações são acompanhadas pelo medo, porque há incerteza do que se pode encontrar durante uma completa imersão.

Enfim, foi enfrentando a “profundidade do lago” que Lahiri (2022, p. 83) passou a estabelecer-se enquanto uma tradutora dos outros antes mesmo de poder alcançar a ilusão de ser outra ela mesma, mediante sua autotradução. Dito de outro modo, traduzir os romances de Starnone nutriu sua relação com o processo subsequente, a autotradução de *Whereabouts* (2021).

Após esse panorama, com o qual objetivei evocar a relação de Lahiri com o processo de tradução, encaminho a discussão para a próxima seção, onde estabelecerei um diálogo, contemplando, especificamente, a tradução de *Lacci* realizada por Lahiri, apoiando-me nas referências desta autora acerca desse seu processo, descritas em *Translating Myself and Others* (2022).

¹⁶ Conf. “[...] this second act pertains less to the translated version than to the original, which is now readjusted and realigned thanks to the process of being dismantled and reassembled” (LAHIRI, 2022, p.80).



A Tradução de *Lacci*: A Retomada ao Inglês

Lacci (2014), do italiano Domenico Starnone, foi publicado na Itália no outono de 2014. É um romance dividido em três partes que, embora conectadas entre si, podem ser lidas separadamente. A obra é ambientada na década de 1970 e volta-se para o universo familiar do casal Vanda e Aldo que, sob os reflexos da paixão, durante sua juventude aspiravam à liberdade dos laços familiares. Após seu casamento, pouco a pouco, o encantamento vai sendo coberto como uma névoa. São vários os fatores que levam ao ofuscamento dos sentimentos de outrora, dentre eles, os afazeres da rotina diária, as obrigações, o avanço da idade. A saída para isso encontra um começo, mas unilateral: Aldo muda de cidade, de Nápoles para Roma, a fim de viver com uma jovem. Vanda experimenta a destruição física e psicológica ocasionada pelo adultério do marido, vivendo dias de abandono. Entretanto, o casal opta por um retorno, considerando ser isto o correto em prol da felicidade de seus dois filhos. São os laços que os colocam lado a lado novamente. Frente a esse contexto, a narrativa de Starnone explora aspectos sociais, ideológicos e psicológicos que atravessam a relação do casal, assim como sua relação com seus filhos. Ao fazer isso, o enredo suscita alguns questionamentos em razão da decisão tomada pelo casal, tais como: É possível restituir laços rompidos? É possível ignorar causas que levam ao rompimento de laços? Até que ponto é possível perdoar uma traição?

Nas palavras de Lahiri,

Ties é um romance cheio de contêineres, tanto literais quanto simbólicos. Apesar deles, as coisas desaparecem. Os personagens de *Ties* são poucos: uma família de quatro pessoas, um vizinho, uma amante que permanece fora do palco. Um gato, um militar, um casal de estranhos. Mas há uma série de objetos inanimados que também desempenham papéis críticos na alquimia deste romance: um envelope fechado que contém um maço de cartas, um cubo vazio. Fotografias, um dicionário, cadarços, uma casa. E o que esses objetos representam, senão agentes de enclausuramento de vários tipos? Os envelopes contêm cartas e as cartas contêm os pensamentos mais íntimos de alguém. As fotos contêm o tempo, uma casa contém uma família. Um cubo vazio pode conter o que quisermos. Um dicionário contém palavras. Os cadarços – a tradução literal do título italiano, *Lacci* – servem para fechar nossos sapatos, que por sua vez contêm nossos pés. E como esses objetos são abertos um a um – uma vez que o elástico ao redor do envelope é removido, uma vez desamarrado – o romance se inflama. Como a caixa de Pandora, cada um desses objetos desencadeia formas agudas de sofrimento: frustração, humilhação, saudade, ciúme, inveja, raiva¹⁷ (LAHIRI, 2022, p. 23-24).

¹⁷ Conf. “*Ties* is a novel full of containers, both literal and symbolic. In spite of them, things go missing. The characters in *Ties* are few: a family of four, a neighbor, a lover who remains offstage. A cat, a carabinieri, a couple of strangers. But there



Configurado dentro desse contexto, *Lacci* foi agraciado, em 2017, com o *Bridge Book Award*, premiação que visa reforçar o entendimento mútuo entre a Itália e os Estados Unidos da América. O prêmio, que tem como principais apoiadores o Instituto Cultural Italiano de Nova York e a Federazione Unitaria Italiana Scrittori – FUIS – é oferecido anualmente a um romance italiano contemporâneo ou a uma coleção de histórias, que mediante premiação é traduzido para o inglês. Diante disso, Starnone convidou diretamente Lahiri, sua amiga, para traduzir a referida obra. Ela, que havia sido impactada pela leitura de *Lacci* e que já almeja traduzir a obra, aceitou o convite. A versão em língua inglesa recebeu o título de *Ties* (2017), obtendo de imediato a aprovação da crítica e passando a figurar em diversas listas de indicação de melhores obras literárias.

Lacci foi a primeira experiência de Lahiri no que tange à tradução do italiano para o inglês. Para traduzi-lo, ela teve que se distanciar intencionalmente desse idioma, a língua que ela mais ama, a fim de desmantelá-la, tornando-a invisível (LAHIRI, 2022, p. 29). Vale lembrar que seu amor confesso dedicado a esse idioma está amplamente discutido em *In Altre Parole* (2015), conforme mencionei na seção anterior.

Partindo dessa forte ligação com o texto fonte e da tentativa de afastar-se da língua italiana, Lahiri envolveu-se no trabalho de tradução de *Lacci*, o que levou um ano para ser concluído. Não lhe escapou a atenção nem mesmo os aspectos dispostos nos paratextos editoriais (GENETTE, 2009), como no caso da capa e do título da obra a qual podemos verificar a seguir:

are a number of inanimate objects that also play critical roles in the alchemy of this novel: a swollen envelope that holds a bundle of letters, a hollow cube. Photographs, a dictionary, shoelaces, a home. And what do these objects represent, if not agents of enclosure of various kinds? Envelopes hold letters, and letters contain one's innermost thoughts. Photos contain time, a home contains a family. A hollow cube can contain whatever we'd like it to. A dictionary contains words. Laces – the literal translation of the Italian title, *Lacci* – serve to close up our shoes, which in turn contain our feet. And as these objects are opened one by one – once the elastic around the envelope is removed, once laces are untied – the novel ignites. Like Pandora's box, each of these objects unleashes acute forms of suffering: frustration, humiliation, yearning, jealousy, envy, rage" (LAHIRI, 2022, p. 23-24).



Figura 1: capa de *Lacci* (2014)

Fonte: Editora Giulio Einaudi (2014)

Sobre o referido paratexto, Lahiri observa que:

[...] *Lacci*, título deste romance em italiano, significa cadarço. Nós os vemos na capa, graças a uma ilustração escolhida pelo próprio autor. Uma pessoa, presumivelmente um homem, usa um par de sapatos cujos cadarços estão amarrados. É um nó que certamente o fará tropeçar, que não o levará a lugar nenhum. Não vemos a expressão no rosto do homem, na verdade vemos muito pouco de seu corpo. E, no entanto, tememos por ele, sentimos um pouco de pena dele, talvez riamos dele, visto que ele já parece estar caindo de cara no chão. Mas *lacci* em italiano também é um meio de refrear, de capturar algo. Eles conotam tanto um vínculo amoroso quanto um dispositivo de restrição. ‘Ties’ em inglês abrange esses significados plurais. ‘Laces [Laços]’ não teria. Tendo feito essa escolha, fico impressionada com a relação, também em inglês, entre *desamarrar* e *unir*, duas ações opostas contrapostas nesse romance¹⁸ (LAHIRI, 2022, p. 29).

A justificativa da tradutora para a escolha de *ties* em detrimento a *laces*, para intitular a obra de Starnone, corrobora sua atenção aos aspectos polissêmicos que se encontram no texto. Devido a isso, para Lahiri (2022, p. 28-29), a tradução também se configura como um processo de repassar as coisas de modo repetitivo, de vasculhar e intuir o significado, neste caso polivante, de um texto¹⁹.

¹⁸ Conf. “[...] *Lacci*, the title of this novel in Italian, means shoelaces. We see them on the cover, thanks to an illustration chosen by the author himself. A person, presumably a man, wears a pair of shoes whose laces are tied together. It is a knot that will surely trip him up, that will get him nowhere. We don’t see the expression on the man’s face, in fact we see very little of his body. And yet we fear for him, feel a little sorry for him, perhaps laugh at him, given that he already seems to be in the act of falling on his face. But *lacci* in Italian are also a means of bridling, of capturing something. They connote both an amorous link and a restraining device. ‘Ties’ in English straddles these plural meanings. ‘Laces’ would not have. Having made this choice, I am struck by the relationship in English, too, between *untie* and *unite*, two opposing actions counterpoised in this novel” (LAHIRI, 2022, p. 29).

¹⁹ Conf. “Translation, too, is a processing of going back over things again and again, of scavenging and intuiting the meaning, in this case multivalent, of a text” (LAHIRI, 2022, p. 28-29).



Além disso, a explanação de Lahiri, baseada na análise do conteúdo da capa de *Lacci*, instiga uma reflexão de caráter analógico interligada ao contexto da tradução. Trata-se de uma reflexão decorrente da inscrição dos infinitivos “desamarrar” e “unir”, destacados pela autora. Ambos os infinitivos podem ser associados ao que é proporcionado a partir do exercício da própria tradução. Ora, o texto para circular em uma cultura distinta a de sua produção, por meio de outra língua, não precisa ser “desamarrado” /afastado da língua de sua escrita fonte? Contudo, pesa ainda nessa tarefa aquilo que compreende a ação de “unir”. Se concordarmos que tradução é uma acomodação, um “casamento” de duas culturas inscritas em um único espaço/texto a partir da tradução, então, teremos também a ideia de união revestindo o processo tradutório.

Por outro prisma, Lahiri, mirando o contexto narrativo de Starnone, conecta ainda a imagem do referido paratexto, ou seja, os cadarços amarrados, ao ato de escrever. Do ponto de vista da tradutora, todo o romance de Starnone constitui-se como uma série de amarrar e desatar, de organizar as coisas e separar, de criar e destruir (LAHIRI, 2022, p. 30). Mas, como ela salienta, “a arte não é nada se não estiver contida por uma estrutura única, sustentada por uma forma única inviolável²⁰” (LAHIRI, 2022, p. 30). Lahiri aponta para a presença da unicidade na estrutura lexical de *Lacci*, expondo sobre sua impressão quanto a isto e sobre seu método de análise – organizando uma lista de palavras – que a levou a perceber esta unicidade:

Fiquei impressionada, ao traduzir [*Lacci*], com um léxico fértil de termos italianos que significam ou descrevem um estado de desordem. Fiz uma lista deles: a *soqqadro*, *devastazione*, *caos*, *disordine*. *Sfasciato*, *squinternato*, *divolto*, *sfregiato*. *Scempio*, *disastro*, *buttare per aria*. Esses termos são derivados de uma palavra única, predominante, recorrente: *ordine*. Ordem. Ou talvez seja a ordem que está constantemente sob ameaça, os termos para desastre envolvendo-a, comprometendo-a²¹ (LAHIRI, 2022, p. 29).

A fertilidade no campo lexical italiano indicada por Lahiri, que demonstra quão determinadas palavras deste idioma estão inter-relacionadas, encontra eco em suas próprias palavras quando ela afirma que “Traduzir é compreender, antes de tudo, como as palavras

²⁰ Conf. “[...] art is nothing if not contained by a unique structure, held in place by an inviolable unique form”. (Lahiri, 2022, p. 30).

²¹ Conf. “I was struck, as I translated, by a fertile lexicon of Italian terms that mean or describe a state of disorder. I made a list of them: a *soqqadro*, *devastazione*, *caos*, *disordine*. *Sfasciato*, *squinternato*, *divolto*, *sfregiato*. *Scempio*, *disastro*, *buttare per aria*. These terms are stemmed by a single, prevailing, recurrent word: *ordine*. Order. Or perhaps it is order that is constantly under threat, the terms for disaster engulfing it, undermining it” (LAHIRI, 2022, p. 29).



escorregam e deslizam umas nas outras, como se sobrepõem, como acabam por produzir uma fértil promiscuidade lexical²² (LAHIRI, 2022, p. 134).

Estar diante dessa fértil promiscuidade, em termos de tradução, não é um aspecto indicador de que o tradutor terá um trabalho menos desafiador à sua frente, pelo contrário. Uma vez que tanto frases quanto palavras significam mais “na incomensurabilidade da significação”, possuindo um “potencial de inovação inesgotável” (STEINER, 1993, p. 81), traduzir torna-se um desafio que solicita ao tradutor uma imediata solução, uma escolha.

No caso da tradutora de *Lacci*, essa solução é baseada em um entendimento holístico que não ignora o aspecto cultural envolvido no processo tradutório. É possível perceber sua atenção a isso, por exemplo, quando ela menciona sobre o termo *scontento* presente nessa obra:

Outra palavra que se destacou para mim, que é usada com frequência, é *scontento*. Pode significar infelicidade [*unhappiness*] em inglês, mas é muito mais forte do que isso [em italiano]. É um amálgama de frustração, insatisfação, desapontamento, descontentamento. E embora as raízes sejam diferentes, não pude deixar de pensar na proximidade, na interação entre certos verbos em italiano que soam ou parecem semelhantes, que estão tematicamente ligados: *contenere* (conter) e *contentare* (fazer feliz). *Allacciare* (atar, amarrar) e *lasciare* (sair)²³ (LAHIRI, 2022, p. 29).

Encaminhar o pensamento nessa direção, atentando para a sutileza contida na palavra *scontento*, quando comparada à sua possível tradução em inglês, *unhappiness*, reflete o discernimento de que traduzir envolve procurar semelhanças entre línguas e culturas, porque significa confrontar constantemente as diferenças (VENUTI, 1995, p. 306). Aliás, o confronto de diferenças culturais constitui-se como uma das marcas que se apresentam de modo expressivo na escrita literária de Lahiri, seja como escritora, tradutora ou autotradutora, e isso tem a ver com a sua identidade multicultural, como abordei anteriormente.

Para além das questões que evocam diretamente a tradução de *Lacci*, envolver-se nessa tarefa representou para Lahiri um retorno ao inglês depois de quatro anos que ela ficou sem trabalhar com esse idioma. Foi, portanto, esse projeto que a inspirou a reabrir seus dicionários de inglês após um período de abandono e que a fez experimentar o medo de que

²² Conf. “Translating means understanding, above all, how words slip and slide into each other, how they overlap, how they end up producing a fertile lexical promiscuity” (LAHIRI, 2022, p. 134).

²³ Conf. “Another word that stood out to me, that is used frequently, is *scontento*. It can mean unhappiness in English, but it is far stronger than that. It is an amalgam of frustration, dissatisfaction, disappointment, discontent. And though the roots are different, I couldn’t help but ponder the proximity, the interplay between certain verbs in Italian that sound or look similar, that are thematically linked: *contenere* (to contain) and *contentare* (to make happy). *Allacciare* (to lace, tie down) and *lasciare* (to leave)” (LAHIRI, 2022, p. 29).



Ties a distanciasse do italiano (LAHIRI, 2022, p. 31). No entanto, não foi isso que ocorreu. Por meio desse trabalho, ela passou a se sentir mais ligada à essa língua que ela admira, encontrando, “incontáveis novas palavras, novos idiomas, novas formas de expressar as coisas²⁴” (LAHIRI, 2022, p. 31).

Proporcionar a circulação – a sobriedade – de *Lacci* em língua inglesa a partir de *Ties* atingiu contornos importantes na escrita de Lahiri, semelhante ao ocorrido com outros autores, como Samuel Beckett, que permitiram que o amor dispensado por eles à tradução refletisse em seus trabalhos como escritores. E isso muito se deve ao caráter complementar existente entre escrita e tradução, conforme descrito a seguir pela tradutora ao comentar sobre sua relação com a tarefa tradutória:

Antes de me dedicar seriamente à tradução, faltava algo em minha vida como escritora. Neste momento, não consigo mais imaginar não trabalhar em uma tradução, assim como não consigo imaginar não trabalhar – ou pensar em trabalhar – em minha própria escrita. Penso a escrita e a tradução como duas faces de uma mesma atividade, duas faces de uma mesma moeda, ou talvez duas pinceladas, exercendo forças distintas, mas complementares, que me permitem nadar distâncias maiores e profundidades maiores, através do misterioso elemento da linguagem²⁵ (LAHIRI, 2022, p. 8).

Ambos os processos, de escrita e de tradução, resultam em comunicação, evocando sentidos a partir da linguagem, pois dependem do significado, trabalham com ele, estão intimamente ligados ao modo de perceber o mundo e de interpretá-lo por meio da criação (escrita) e da recriação (tradução). Devido à relação íntima existente entre escrita e tradução, é natural que ocorra, portanto, uma espécie de nutrição mútua entre essas tarefas. Logo, o profissional que, atua com essas duas atividades tem muito a se beneficiar disso.

No caso de Lahiri, traduzir *Ties* culminou na transformação de sua escrita, uma vez que a tradução lhe mostrou como trabalhar com um novo léxico, como empregar novos estilos e formas, como assumir riscos, como organizar suas frases de maneira diferente (LAHIRI (2022, p. 8). Em outras palavras, Lahiri expandiu seu universo estilístico a partir de sua atuação como tradutora. Resta-nos, agora, aguardar as novas empreitadas literárias dessa autora que encontrou na tradução um modo complementar da sua face escritora.

²⁴ Conf. “I have encountered countless new words, new idioms, new ways of phrasing things” (LAHIRI, 2022, p. 31).

²⁵ Conf. “Before I engaged seriously with translation, something in my life as a writer was missing. At this point, I can no longer imagine not working on a translation, just as I cannot imagine not working on – or thinking of working on – my own writing. I think of writing and translating as two aspects of the same activity, two faces of the same coin, or maybe two strokes, exercising distinct but complementary strengths, that allow me to swim greater distances, and at greater depths, through the mysterious element of language” (LAHIRI, 2022, p. 8).



Considerações Finais

Como demonstrei, a sólida relação existente entre a tradutora de *Ties* e tradução está associada ao seu percurso de vida. Tendo, desde os seus sete anos, a necessidade de desenvolver suas habilidades linguísticas, tanto em bengali quanto em inglês, Lahiri sempre teve a tradução como seu ponto de partida para estabelecer contato com o mundo. À vista disso, sua atuação enquanto tradutora literária, principiada pela tradução de *Ties*, ampara-se na tradução cultural experienciada desde sua infância. Mas, além de ser alicerçado em seu histórico de vida, seu desempenho como tradutora é sustentado também por sua dedicação à área tradutológica – a partir do ensino da tradução na academia –, e por seu aprendizado voluntário de um terceiro idioma, o italiano. Embora tal aprendizagem tenha sido voluntária e instigada por um desejo pessoal, isso não deixou de ser um novo desafio linguístico para Lahiri, que já vivia entre línguas.

Assim como o personagem Aldo, em *Ties*, que se afasta de casa em busca de felicidade e de liberdade, Lahiri, afastando-se do inglês, movimenta-se em direção à língua italiana – como escritora e como tradutora – em busca deste mesmo propósito. Isso é reverberado no modo que ela conduz a tradução de *Lacci* para a língua inglesa, bem como em suas referências à essa tarefa. Seu olhar sensível e poético diante da linguagem, já conhecido pelos seus leitores, não passa despercebido, sobretudo, quando o que está ao centro do debate diz respeito à tradução.

Traduzir *Lacci* não foi somente a porta de entrada de Lahiri para o mundo profissional da tradução literária. Paralelamente a isso, traduzir constitui-se também como uma atividade que expandiu sua visão acerca da linguagem. Ao desenvolver esse projeto, Lahiri passou a perceber que traduzir é parte complementar do seu exercício de escrita. Em seu entendimento acerca da relação entre essas duas atividades é possível vislumbrar o quão instigante essa relação é para ela, pois ela coloca-se em uma posição de dependência do ato de traduzir, tal como ocorre em relação à sua escrita.

Referências:

BASSNETT, Susan. **Translation and World Literature**. London: Routledge, 2018.

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. Trad. de Susana Kampff Lages. In: BRANCO, Lucia Castello (Org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008. p. 66-81.



- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima. Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2007.
- GENETTE, Gérard. Paratextos editoriais. Trad. Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- KELLMAN Steven G. Review: A secret becomes a heavy burden in Jhumpa Lahiri's latest translation of Domenico Starnone. **Los Angeles Times**, [s.l.], 8 nov. 2021. Books. Disponível em: <https://www.latimes.com/entertainment-arts/books/story/2021-11-08/review-a-secret-becomes-a-heavy-burden-in-jhumpa-lahiris-latest-translation-of-domenico-starnone>. Acesso em: 20 de Mar. 2023.
- LAHIRI, Jhumpa. **Interpreter of Maladies**. Nova Iorque: Mariner Books, 1999.
- LAHIRI, Jhumpa. Intimate Alienation: Immigrant Fiction and Translation. In: **Translation, Text, and Theory: The Paradigm of India**, ed. Rukmini Bhaya Nair. New Delhi: Sage. p. 113-120, 2002.
- LAHIRI, Jhumpa. **Namesake**. Boston: Houghton Mifflin, 2003.
- LAHIRI, Jhumpa. **The Lowland**. Londres: Bloomsbury, 2013.
- LAHIRI, Jhumpa. **In Altre Parole**. Milano: Editora Guanda, 2015.
- LAHIRI, Jhumpa. **In Other Words**. Trad. Ann Goldstein. New York: Vintage Books, 2017 (Edição bilíngue).
- LAHIRI, Jhumpa. The Boundary. In: **The New Yorker** [online], New York, 2018a. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2018/01/29/the-boundary>. Acesso em 14 de fev. 2023.
- LAHIRI, Jhumpa. **Dove mi Trovo**. Milano: Editora Guanda, 2018b.
- LAHIRI, Jhumpa. **Whereabouts**. Trad. Jhumpa Lahiri. London: Bloomsbury, 2021.
- LAHIRI, Jhumpa. **Translating Myself and Others**. United States of America: Princeton University Press, 2022.
- LAHIRI, Jhumpa. Where I Find Myself: On Self-Translation. In: LAHIRI, Jhumpa. **Translating Myself and Others**. United States of America: Princeton University Press, 2022. p. 70-85.
- LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- MAITLAND, Sarah. **What Is Cultural Translation?** London: Bloomsbury Publishing, 2017.
- STARNONE, Domenico. **Lacci**. Turin: Giulio Einaudi, 2014.
- STARNONE, Domenico. **Scherzetto**. Turin: Giulio Einaudi, 2016.
- STARNONE, Domenico. **Ties**. Trad. Jhumpa Lahiri. New York: Europa Editions. 2017.
- STARNONE, Domenico. **Trick**. Trad. Jhumpa Lahiri. Nova York: Europa Editions, 2018.
- STARNONE, Domenico. **Confidenza**. Turin: Giulio Einaudi Editore, 2019.
- STARNONE, Domenico. **Trust**. Trad. Jhumpa Lahiri. Nova York: Europa Editions, 2021.
- PYM, Anthony. **Exploring Translation Theories**. London: Routledge, 2009.
- STEINER, George. **Presenças reais: as artes do sentido**. Trad. de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Presença, 1993.
- VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**. London and New York: Routledge, 1995.
- WOOD, Phil; LANDRY, Charles; BLOOMFIELD, Jude. **Cultural Diversity in Britain: A Toolkit for Cross-cultural Co-Operation**, York: Joseph Rowntree Foundation, 2006.



